**XXXII DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)**
*Sb* 6, 12-16; *Sal* 62; *1 Ts* 4, 13-18; *Mt* 25, 1-13

## COMENTÁRIO

*Sabedoria de vida no tempo do fim*

O Evangelho deste domingo apresenta-nos a bela parábola das dez virgens. O texto pertence ao material exclusivo de Mateus e é também a única, das cinco parábolas sobre a sabedoria nos Evangelhos, que está explicitamente ligado ao tema do Reino, através da introdução: «O reino dos Céus pode comparar-se a dez virgens, que, tomando as suas lâmpadas, foram ao encontro do esposo» (*Mt* 25, 1).

*1. A perspectiva escatológico-sapiencial da parábola*

A frase introdutória da parábola determina a abordagem escatológica do relato («pode comparar-se») que condiz com o contexto geral em que se encontra. O nosso texto, de facto, situa-se no meio das instruções sobre o fim dos tempos: primeiro, o chamado discurso escatológico de *Mt* 24 e, depois, as duas parábolas (dos talentos e do juízo final), que chamam a atenção para a perspectiva da retribuição definitiva no regresso de Cristo (*Mt* 25, 14-30.31-46). Por outro lado, a caracterização dos protagonistas no início da parábola em questão demonstra a sua clara orientação sapiencial: as dez virgens estão divididas entre as insensatas/estúpidas e as prudentes/sábias. Não se trata de uma classificação secundária, uma vez que estas mesmas características serão mais tarde clarificadas ao longo da história e os adjectivos "insensatas/prudentes" tornam-se os nomes próprios para distinguir as damas de honor umas das outras. Estes elementos, juntamente com a repetição dos termos "insensatas" e "prudentes" (cuja concentração na nossa passagem de *Mt* 25, 1-13 é a mais elevada em todos os evangelhos), validam a abordagem básica da parábola: para a sabedoria de vida.

Analisando o enredo do relato parabólico e seguindo o comportamento das virgens prudentes, podemos ver ainda mais a instrução implícita de Jesus sobre a sabedoria. À primeira vista, tal como definido no início da parábola, prudentes são as virgens que levam azeite com a lâmpada quando vão ao encontro do esposo, e insensatas as que não o fazem. No entanto, uma leitura mais atenta indicará que a acção de levar azeite de reserva é *apenas* uma expressão de sabedoria e não esgota o seu conteúdo. Por outras palavras, as virgens levam azeite porque são sábias, e não o contrário. A sua sabedoria será algo mais do que o acto de se lembrarem do azeite, tal como a insensatez das outras cinco consiste em algo mais do que o simples esquecimento.

A essência da sabedoria é revelada à medida que se desenrolam os pormenores da parábola. Em resumo, sábio é aquele que sabe apresentar-se pronto para a imprevisível vinda do noivo. É indicativo a este respeito que, entre os adjectivos substantivados utilizados para indicar as virgens sábias, se encontrem as expressões intencionalmente intercambiáveis: "as insensatas" e "as que estavam preparadas (para o banquete nupcial)". Esta prontidão, porém, não significa não dormir, porque, como indica a parábola, enquanto esperavam o noivo, todas as virgens adormeceram. Pelo contrário, a sabedoria do sábio consiste em prever o imprevisível, em estar sempre pronto no momento crítico da chegada do esposo, para entrar com ele no banquete. E a exortação final a estar vigilante, porque não se sabe o dia nem a hora (v. 13), não tem certamente a ver com uma espera stressante, em que se sacrifica o sono, mas com esta atitude fundamental de *saber* viver o presente (trazer o azeite) em vista de um futuro que é certo (a chegada do esposo), mas ao mesmo tempo imprevisível nos seus pormenores. A mensagem, portanto, da parábola, no fundo, não está muito longe das exortações dos sábios bíblicos: viver a vida com sabedoria, manter-se afastado dos exemplos dos insensatos/ímpios/pecadores, para um futuro que virá (cf. *Pr* 23, 17-18).

*2. Sem azeite não há festa!*

Na perspectiva sapiencial, é necessário sublinhar a antítese entre duas categorias de pessoas: os insensatos e os sábios. Tal abordagem não parece acidental no ensinamento de Jesus, pois reflecte o conteúdo da parábola, também sapiencial, das duas casas (cf. *Mt* 7, 24-27 // *Lc* 6, 47-49). De facto, ambas as narrativas, para além da comum visão dualista dos homens em chave sapiencial, falam dos dois futuros diferentes como consequência de comportamentos opostos. Esta ligação entre os dois textos é também reforçada por um aspecto linguístico: são os únicos exemplos no NT que são introduzidos com um "pode comparar-se" (cf. *Mt* 7, 24.26 e 25, 1).

A comparação destas duas parábolas ajudar-nos-á a aprofundar ainda mais as várias nuances da sabedoria/estupidez no texto em questão. O óleo indica pôr em prática as palavras de Jesus; esta é também a perspectiva de *Lc* 13, 25-27, que muito provavelmente faz eco a uma tradição comum com o final da nossa parábola:

> Alguém Lhe disse: «Senhor, são poucos os que se salvam?». Ele disse-lhes: «Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não serão capazes. A partir do momento em que o senhor da casa se levantar e fechar a porta, e vós começardes a ficar de fora e a bater à porta, dizendo: "Senhor, abre-nos", então, respondendo, ele vos dirá: "Não sei de onde vós sois." Começareis, então, a dizer: "Comemos e bebemos na tua presença, e ensinaste nas nossas praças." E ele dir-vos-á: "Não sei de onde vós sois. Afastai-vos de mim, todos os que praticais a injustiça."» (*Lc* 13, 23-27)

A importância do azeite na história (apesar de ser apenas um aspecto da sabedoria) é clara. Para poderem acompanhar o noivo ao banquete, as damas de honor devem ter lâmpadas acesas. E para terem lâmpadas acesas, têm de ter combustível, ou seja, azeite. Portanto, para as virgens sem óleo não há festa! Ora, o ensinamento sobre a lâmpada acesa aparece recorrentemente nos ditos de Jesus; muito provavelmente, trata-se das obras do crente. Por conseguinte, o azeite está intrinsecamente ligado à imagem da lâmpada acesa, que é, por seu lado, um símbolo forte da disponibilidade dos discípulos na vida de fé.

A este respeito, sem cair em interpretações moralistas e alegóricas, podemos interrogar-nos se, de facto, a imagem da lâmpada (acesa ou apagada) remete para a visão comum dos sábios bíblicos a este respeito. De facto, sublinha-se muito frequentemente que a lâmpada dos malfeitores se apagará, enquanto a luz dos justos brilha com alegria (*Pr* 13, 9; cf. *Jb* 18, 5; *Pr* 24, 20; também *Pr* 21, 4: "o pecado é a lâmpada dos malfeitores"). Trata-se, evidentemente, do símbolo da vida, como em *2 Sam* 21, 17. No entanto, é precisamente a este nível simbólico que se movem os pormenores da parábola em questão, daí também a imagem da lâmpada! Talvez seja legítimo, portanto, vislumbrar na lâmpada acesa das virgens prudentes não só a prontidão, mas também a sábia preparação para o encontro com o esposo através das boas obras, o que se enquadra bem no contexto imediato e geral da parábola.

*3. Seguir Cristo – o nosso caminho de sabedoria e de salvação*

À luz do que foi analisado, para além de outras possíveis alusões cristológicas (a imagem do esposo, o banquete), o Jesus da parábola das dez virgens mostra-Se claramente como Aquele que aponta o caminho da sabedoria em relação ao fim. Ele é, portanto, a imagem de um sábio escatológico, que fala claramente de uma porta que se fecha e da possibilidade de ficar de fora. Denuncia assim, com veemência, ainda que implicitamente, a insensatez e a estupidez de alguns que não sabem viver com sabedoria tendo em vista o futuro certo que os espera. Jesus, de facto, é a Sabedoria a procurar e a seguir.

Por fim, é preciso sublinhar que a insistência do Mestre de Nazaré na sabedoria resume aqui, de algum modo, a preocupação central das outras parábolas evangélicas a este respeito, e está também em plena conformidade com o ensinamento da tradição apocalíptica de Israel, que assinala a importância de ser sábio no fim dos tempos. É preciso ter a sabedoria para discernir o tempo e aceitar a salvação oferecida por Deus. Os insensatos, pelo contrário, serão eliminados, não certamente por Deus, mas pela sua própria insensatez. O texto emblemático a este respeito é *Dn* 12, 3, onde se fala do futuro esplêndido da ressurreição gloriosa para os sábios (os *maskilim*), enquanto um outro texto apocalíptico em *Is* 35, 8 exclui sem rodeios os insensatos (os *evilim*) e os impuros da possibilidade de percorrer o Caminho Santo, preparado pelo Senhor para a redenção e a felicidade eterna de Jerusalém. Além disso, na mesma passagem sobre o fim dos tempos, em *Dn* 12, é sublinhada a inteligência (*binah*) dos sábios no meio da provação final, enquanto os ímpios não compreenderão e continuarão as suas más acções como insensatos.

Nesta perspectiva, cada discípulo-missionário do Senhor é chamado a tornar-se cada vez mais "sábio" na vida. Ou seja, somos convidados a viver sempre orientados para o Senhor que há-de vir, para podermos encontrá-l'O no momento certo. Deste modo, poderemos também anunciar aos outros, com actos e palavras, este caminho de Sabedoria que é o próprio Jesus, e levar todos ao encontro com Ele, Sabedoria Divina em pessoa que «deixa-se ver facilmente àqueles que a amam e faz-se encontrar aos que a procuram» (*Sb* 6, 12; primeira leitura). Assim seja. Amén.

*Spunti utili*:

**PAPA FRANCISCO**, *Angelus*, Praça São Pedro, Domingo, **12 de novembro de 2017**

O que Jesus nos quer ensinar com esta parábola? […]
A lâmpada é o símbolo da fé que ilumina a nossa vida, enquanto o óleo é o símbolo da caridade que alimenta, que torna fecunda e credível a luz da fé. A condição para estarmos prontos para o encontro com o Senhor não é apenas a fé, mas uma vida cristã rica de amor e de caridade pelo próximo. Se nos deixarmos guiar por aquilo que parece mais cómodo, pela busca dos nossos interesses, a nossa vida torna-se estéril, incapaz de dar vida aos outros, e não acumulamos reserva alguma de óleo para a lâmpada da nossa fé; e ela — a fé — apagar-se-á no momento da vinda do Senhor, ou ainda antes. Ao contrário, se formos vigilantes e procurarmos praticar o bem com gestos de amor, partilha e serviço ao próximo em dificuldade, poderemos permanecer tranquilos enquanto esperamos a vinda do esposo: o Senhor poderá chegar a qualquer momento, e nem sequer o sono da morte nos apavora, porque dispomos de uma reserva de óleo, acumulada com as boas obras de todos os dias. A fé inspira a caridade, e a caridade preserva a fé. [...]

**PAPA FRANCISCO**, *Angelus*, Praça São Pedro, Domingo, **8 de novembro de 2020**

O trecho do Evangelho deste domingo (*Mt* 25, 1-13) convida-nos a prolongar a reflexão sobre a vida eterna, iniciada por ocasião da Festa de Todos os Santos e da Comemoração dos fiéis defuntos. Jesus narra a parábola das dez virgens convidadas para uma festa nupcial, símbolo do Reino dos céus. [...]
É claro que, com esta parábola, Jesus quer dizer-nos que devemos estar preparados para o encontro com Ele. Não apenas para o encontro final, mas também para os pequenos e grandes encontros de cada dia, em vista daquele encontro, para o qual não é suficiente a *lâmpada da fé*, mas é necessário também *o óleo da caridade* e das boas obras. A fé que nos une verdadeiramente a Jesus é aquela, como diz o Apóstolo Paulo, «que opera pela caridade» (*Gl* 5, 6). É isto que é representado pela atitude das donzelas prudentes. Ser sábio e prudente significa não esperar o último momento para corresponder à graça de Deus, mas fazê-lo ativa e imediatamente, a partir de agora. [...]